

UMBANDA: TEOLOGIA DA FELICIDADE

Pesquisadora: Fernanda Leandro Ribeiro

Prof. Orientador: Francisco Rivas Neto

FTU

Departamento de graduação em Teologia

Eixo Temático: Teologia Sistemática

CATEGORIA: PÔSTER

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se na monografia de conclusão de curso apresentada na Faculdade de Teologia Umbandista em 2008, intitulada Umbanda: Teologia da Felicidade. Fundamenta-se a partir das ideias propostas pela Escola de Síntese, como é chamada a doutrina do Templo Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino localizado na cidade de São Paulo.

Busca-se delinear de que maneira a espiritualidade se relaciona com a felicidade. Para isso, serão abordados alguns conceitos de autores da filosofia e da ciência da religião que possuem relação com os conceitos da Umbanda, segundo a visão da Escola de Síntese, ligada ao templo Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino localizado no município de São Paulo e dirigido pelo sacerdote (pai de santo) Francisco Rivas Neto.

Além de levantamento bibliográfico este trabalho contempla também uma pesquisa de campo realizada com filhos de alguns terreiros durante a Festa de Yemanjá na Praia Grande e filhos da OICD em dezembro de 2008. A utilização de pesquisa de campo tem como objetivo tentar aproximar o saber encontrado na literatura a respeito de teologia e felicidade com as experiências dos umbandistas na atualidade.

OBJETIVOS

Apresentaremos, especialmente, como a Umbanda em sua teologia configura - se como um caminho possível para encontrar a felicidade. Um caminho que não é nem melhor nem pior do que outros, uma vez que muitos caminhos são possíveis quando se entende que o ponto de chegada é o mesmo em todos eles.

METODOLOGIA

Neste trabalho foram utilizados dois tipos de metodologia: revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo foram utilizados dois métodos: qualitativo e quantitativo.

O tipo qualitativo foi utilizado na primeira etapa da pesquisa de campo que consistiu na coleta de dados por meio da aplicação dos questionários, compostos por quatro questões abertas (de caráter subjetivo) e apenas uma questão fechada (de caráter objetivo).

Na segunda etapa da pesquisa, que consistiu na elaboração dos dados, foi utilizado o método quantitativo.

As entrevistas foram aplicadas em duas etapas: em cada uma obtiveram-se 72 questionários, totalizando 144.

A primeira aconteceu no município Praia Grande- SP, localizada no litoral paulista, durante a Festa de Yemanjá, em 8 de dezembro 2008. A aplicação foi realizada pela própria autora do trabalho e foram entrevistados apenas filhos de terreiro, a fim de se conseguir uma amostragem suficiente. A segunda etapa da aplicação dos questionários aconteceu nas dependências da FTU. O período de aplicação dos questionários entre os dias 8 e 12 de dezembro de 2008.

A primeira questão era: “O que é felicidade para você?”. A segunda questão: “Por que você procurou na Umbanda?”. A terceira: “A Umbanda lhe faz feliz? Como? (Dê exemplos)”. A quarta: “O que você mais gosta na Umbanda?” e a última: “Quais dos aspectos abaixo mudaram para melhor em sua vida depois que você se tornou umbandista? (saúde, material, afetivo, espiritual, auto-estima, satisfação com a vida, otimismo)”.

Os dados da pesquisa foram analisados sob duas variáveis: sexo e idade.

A escolha por estas variáveis se deu porque quisemos verificar se existe diferença na concepção de felicidade entre homens e mulheres, bem como gostaríamos de averiguar como ambos se relacionam com a Umbanda. Presupúnhamos também encontrar diferenças entre as diversas faixas etárias.

Houve a necessidade de agrupar respostas semelhantes, ou seja, expressões diferentes que se referiam a uma mesma idéia. Mas devido à diversidade de respostas foi necessário contabilizar separadamente elementos que apareceram em uma mesma resposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos na pesquisa de campo indicam que cada umbandista encontra a felicidade em determinado(s) aspecto(s) da religião. Cada um possui uma forma singular de ver a Umbanda e de gostar dela. Se as pessoas responderam coisas diferentes e mesmo assim todas se autodenominam umbandistas significa que elas convivem pacificamente mesmo diante das diferenças. Portanto, estes dados confirmam o que encontramos na revisão bibliográfica: na Umbanda há respeito pelas diferenças e convivência pacífica.

A partir da análise dos gráficos, na primeira questão, pode-se afirmar que felicidade para homens e mulheres é uma questão subjetiva, porém, para as mulheres, mais relacionada com a família do que para os homens.

Temos em ambos os sexos a predominância da família como meio de conhecer a Umbanda. Os homens umbandistas, mesmo pertencendo a famílias umbandistas, experimentaram outras religiões mais do que as mulheres umbandistas.

Muitos afirmaram que procuram a religião por dificuldades nas relações interpessoais, especialmente as mulheres, e conseguem diminuir estas dificuldades.

Os homens mostram-se mais satisfeitos com esta religião do que as mulheres em todos os aspectos abordados, principalmente o aspecto espiritual.

Tanto em um sexo como em outro o aspecto “material” é que o menos melhorou após entrar na Umbanda, o que nos remete a um problema social que é mais amplo.

Em relação às diferentes faixas etárias, não houve diferenças significativas como esperávamos.

Abordaremos adiante algumas questões desenvolvidas no trabalho relacionadas com os dados acima descritos.

O conceito teologia chegou até a Umbanda por meio do cristianismo, que corresponde a uma das três matrizes formadoras desta religião, mas o sentido que teologia possui na Umbanda é diferente do sentido que este termo possui nas religiões cristãs dada a influência das concepções indígenas e africanas - as outras duas matrizes formadoras. Um deles é a concepção de morte. Na Umbanda, acredita-se na imortalidade da alma e na reencarnação, diferentemente da concepção cristã.

Na teologia umbandista parece haver também uma atenuação do maniqueísmo cristão. O bem significa o bem coletivo, ou seja, o que é bom para a própria pessoa e também para os outros e mal, ao contrário, é o bem somente para a própria pessoa.

Na Umbanda, segundo a Escola de Síntese, Divindade é um estado de consciência. Se nos identificamos com o mundo fenomenal temos uma consciência aderente à realidade física. Se nos identificamos com o mundo espiritual, percebemos que no mundo físico tudo é passageiro e que a imortalidade pertence ao Espírito.

Outra característica importante de ser salientada é o caráter coletivo do Espírito. Ou seja, a noção de individualidade existe apenas no mundo dos fenômenos. No aspecto transcendente, não há individualidade, apenas interdependência.

Deste modo, o caminho espiritual implica necessariamente na consciência destas duas realidades do Espírito: “imanência-transcendência” e “individualidade - unidade”.

Em relação à felicidade, Germain in Delumeau (2006) e McMahon (2006) afirmam que o conceito é uma construção, estando diretamente relacionado com momento histórico e contexto cultural, e, por conseguinte atrelado a determinadas visões de mundo.

Para os gregos, a vida do homem deve ser guiada pela razão, pois se o cosmo é movido por um princípio racional o “Logos” - o homem precisa seguir este mesmo princípio para estar em harmonia com o cosmo. Quando isso acontece ele é capaz de realizar a “aretê humana”, ou seja, o que há de melhor no ser humano. Mas a felicidade só pode acontecer no coletivo, pois é no coletivo que o homem se constitui como tal, não havendo dissociação entre individual e coletivo. Além disso, felicidade está relacionada com estabilidade (SILVA, 2007).

Se a noção de interdependência aproxima a Umbanda da filosofia grega, por outro lado, na Umbanda o que confere a tão almejada estabilidade é a espiritualidade e não o racionalismo. Porém, no trabalho discute-se o quanto a racionalidade grega parece indicar mais uma postura ética do que uma atividade mental e neste sentido, se aproxima do que denominamos espiritualidade.

No Budismo também encontramos algumas similaridades com a Umbanda.

A alma, assim como o corpo, não possui uma natureza intrínseca. Não existe nenhuma unidade de consciência que possua uma individualidade ou identidade.

Outra questão importante é que também não há uma identidade que diferencie esta pessoa das demais. Esta concepção budista é denominada “inexistência do eu (anatman)”. (COOPER, 1996).

Neste sentido, a Umbanda floresce na sociedade atual como uma via possível de felicidade devido ao fato de ser uma religião universalista e incluyente.

Rivas Neto utiliza a expressão unidade na diversidade para indicar que a identidade da Umbanda se constitui na diversidade, expressa em diversos níveis. Esta ideia é defendida também por Matta e Silva (1996) e Renato Ortiz (1978) apud Birman (1985).

A principal expressão da diversidade na Umbanda se refere a sua própria formação. Ela nasceu do encontro de três etnias diferentes em solo brasileiro: os negros que vieram com a escravidão durante o Período Colonial, os brancos europeus que vieram também com a colonização e os indígenas autóctones (que já viviam em terras brasileiras). Na verdade, estas três etnias formam a própria população brasileira. Do encontro entre elas, temos a figura do mestiço, como representante legítimo do povo brasileiro.

Além disso, a Umbanda é uma religião horizontal na qual cada terreiro tem liberdade para vivenciar o sagrado da maneira que preferir. Não há livro Sagrado, nem profeta, não havendo, portanto, processo de centralização de

poder.

CONCLUSÃO

O afastamento de nossa verdadeira natureza é a causa de nosso sofrimento e conseqüentemente de nossa infelicidade. Com isso estamos propondo que o caminho para a felicidade é um caminho de volta para o Espírito.

A Umbanda oferece uma solução para o problema da falta de enraizamento colocado pela pós-modernidade a medida que a relação com o sagrado se institui como um ponto central capaz de orientar as ações do umbandista diante da efemeridade do mundo. Torna-se possível recuperar o encanto da vida diante de uma realidade na qual a humanidade se encontra desencantada e desesperançada.

BIBLIOGRAFIA

- ANTISERI, Dario; REALI, Giovanni. História da Filosofia. Vol. I. São Paulo: Paulus.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando - Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna. 2 ed, 1993.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BALDUS, Herbert: Tapirapé - Tribo Tupi no Brasil Central. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.
- BERNARDINO, Ângelo Di (org.). Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.
- COOPER, David E. As Filosofias do Mundo - Uma Introdução Histórica. São Paulo: Loyola, 2002.
- DELUMEAU, André; FARGE, Jean; SPONVILLE, André Comte. A Mais Bela História da Felicidade. Rio de Janeiro: Difel, 2006.
- EICHER, Peter (org.). Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. Trad. João Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EPICURO. Carta Sobre a Felicidade (a Meneceu). Trad. Álvaro Iorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp.
- GIUMBELLI, Emerson. Horizontes Antropológicos. "Baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos, Porto Alegre, ano 9, n. 19, pp.247-281, jul. 2003.
- HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. Introdução à Psicologia Junguiana. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KAWAUCHE, Thomaz. Teologia é Ciência. Disponível em: www.fflch.usp.brAcesso em: 17 jun. 2006.
- KHARISHNANDA, Yogi. O Evangelho de Buda. Trad. Cinira R. de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1995.
- LACOSTE, Jean Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Loyola e Paulinas.

- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MATTA E SILVA, Woodrow Wilson. Umbanda de Todos Nós. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956.
- MATTA E SILVA, Woodrow Wilson. Lições de Umbanda e Quimbanda na Palavra de Um Preto-Velho. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956.
- MCCMAHON, Darrin M. Felicidade - Uma História. Trad. Fernanda Ravagnani e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Globo, 2006.
- MÉTRAUX, Alfred: A Religião dos Tupinambás. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- NAGARJUNA. Carta a um amigo. Trad. Manoel Vidal. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- OTEB - ORDEM DOS TEÓLOGOS DO BRASIL. O que é Teologia? Disponível em: www.oteb.com.br. Acesso em: 4 fev, 2002.
- PLATÃO. Diálogos. Trad. Jurema Bruna. 3. ed. São Paulo: Cultrix.
- PLATÃO. O Banquete - Apologia de Sócrates. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.
- PORTO, Humberto; SCHLESINGER, Hugo. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Vol. I e II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- QUEIROZ, José J. Revista de estudos da religião. Deus e crenças religiosas no Discurso Filosófico Pós-Moderno. Linguagem e Religião, São Paul, ano 2006, n. 2, pp. 1-23, 2006.
- RIVAS NETO, Francisco, Exu, O Grande Arcano. São Paulo: Ícone, 2000.
- _____. Fundamentos Herméticos de Umbanda. São Paulo: Ícone, 1996.
- _____. Francisco. O Arcano dos Sete Orixás. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1999.
- _____. Francisco. O Elo Perdido – Ombhandhum. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1999a.
- _____. Francisco. Sacerdote Mago e Médico – Cura e Autocura Umbandista. São Paulo: Ícone, 2003.
- RIVAS NETO, Francisco. Umbanda - A Proto - Síntese Cósmica. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 2002.
- SANTOS, Juana Elben dos. Os Nagô e a Morte. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Trad. Julia Vidili. São Paulo: Masdras, 2005.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. Felicidade – Dos Filósofos Pré-Socráticos aos Contemporâneos. Coleção Saber Tudo. São Paulo: Claridade, 2007.
- SPINOZA, Baruch de. Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras. São Paulo: Martin Claret, 2005.